Congresso*

Em 2003, realizou-se no Rio de Janeiro o XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos homenageando João Filgueiras Lima, nosso querido Lelé. Desata vez, por questão de economia, ficamos, cinco arquitetos, num grande quarto em um pequeno hotel do posto 6 em Copacabana. Como sempre acontece em situações como essa, é preciso boa vontade e uma acomodação aos hábitos diversos das pessoas. Éramos todos amigos de longa data, isto simplificou tudo, mas não impediu as surpresas. Acordo na primeira noite, madrugada, o quarto em penumbra, uma tênue luz entrando pela janela, luar. Consigo perceber um movimento estranho, algo se mexendo lenta e silenciosamente. Depois de minutos, os olhos se adaptando, consigo entender o que acontecia e que dali por diante se repetiria todas as noites. O amigo da cama ao lado acordava com câimbras e, por recomendação de seu fisioterapeuta, se levantava ficando um bom tempo fazendo diversos tipos de alongamento. Outro costumava acordar muito cedo, o sol mal clareando, e sair para longa caminhada pela orla de Copacabana. Acabamos combinando: ele caminhava menos, voltava ao quarto e me acordava para juntos continuarmos a caminhar. Este mesmo amigo que já tivera um infarto, parara de fumar, por recomendação médica, mas continuava a beber muito. Ante minha reprovação, jurava de pés juntos que o médico o liberara para beber. Em uma das noites, acabadas as atividades do Congresso, nos sentamos em um bar perto do hotel, em frente à praia, uma mesa na calçada. Já éramos cinco e começaram a chegar, por ali passando a caminho do hotel, muitos outros que resolviam também sentar. No final, juntando mesas, devíamos estar em torno de vinte. Bebemos, comemos, muito papo. Eu fiquei sentado no meio de um dos lados da extensa mesa. Em frente, meu amigo “gambá” que eu via enxugando a valer. Começa a ficar tarde, começamos a pensar em dormir. Não sei como logo chega o garçom, em minha frente, e entrega a conta para meu amigo. Continuei a conversar com os outros, olhando de vez em quando para ver o que acontecia em frente. Meu amigo repetia muitas vezes a mesma ação; olhava a nota, fazia contas, e ficava depois com um olhar interrogativo, como se não estivesse entendendo algo. O tempo passava, eu já estava com sono e resolvi pegar a nota que estava com meu amigo. Como eu desconfiara, era a nota com a despesa de todos. Perguntei se ele queria ajuda para dividir e ver o quanto dava para cada um. Tentou me responder, mas a língua enrolava e os sons que ele emitia eram ininteligíveis. Levantei, falei com os outros, pegamos a conta e dissemos que ele podia ir para o hotel, no dia seguinte acertávamos. Ele se levantou titubeando e saiu, caminhando em zigue-zague. Quis ir

atrás para ajudá-lo, mas os outros me seguraram, conheciam-no melhor do que eu, de outras empreitadas. Quando cheguei ao quarto, ele roncava.

Como fez para chegar até ali não sei.

Sempre, antes de iniciar os Congressos Brasileiros de Arquitetos, se reúne o Conselho Superior do IAB. Nesta ocasião eu era membro deste conselho. No primeiro dia de reunião fiquei nervoso, impaciente, ao ver as constantes entradas e saídas dos colegas do IAB do Rio. Quase não participavam da nossa reunião e era evidente que estavam resolvendo problemas de última hora. No segundo dia chamei um deles a um canto e expressei minha preocupação:

– Tchê, estou vendo que vocês estão atrapalhados, o Congresso começa depois de amanhã.

Ele, sorrindo, coloca uma das mãos em meu ombro e diz:

– Gaúcho, relaxa, você está no Rio.

Sorri também mas continuei preocupado. O Congresso começou, com muita gente, milagrosamente sem problemas e assim foi até o final. Como em todos, havia um homenageado. Neste, mais do que justamente, com todos méritos possíveis, meu amigo Lelé, João Filgueiras Lima, um dos maiores arquitetos que o Brasil já teve. A solenidade de abertura foi no Teatro Municipal. Uma van nos deixou na porta, o privilégio de ser conselheiro. Muita gente se acotovelando nas escadarias de acesso. Entramos, sentei em uma cadeira bem próxima ao palco.

Sucederam-se os discursos de autoridades (chatice!) até que chega o desfecho, o discurso do homenageado. Lelé, ao contrário dos que o antecederam, todos de terno e gravata, vem à frente do palco, toma nas mãos o microfone, com uma calça jeans simples e camisa esporte, e inicia. O que faz não é um discurso mas um breve pronunciamento, de improviso, enfatizando que não se julgava merecedor daquela homenagem pois apenas fazia o que se espera de um profissional: fazer seu trabalho com competência e esforço. A simplicidade e humildade que ali se mostrava não eram estudadas, eram sinceras e quem o conheceu sabe que era a atitude demonstrada no dia a dia ou em qualquer ocasião solene. Depois, no Congresso, uma das palestras magnas, realizadas em imenso auditório no Rio Centro, foi de Lelé. Plateia lotadíssima e, de novo, uma fala despretensiosa, só que agora para apresentar parte de sua obra e aí a grande qualidade se mostrava radiosa. Havia muitos estudantes presentes, provavelmente pouco conhecendo deste importante trabalho. Via-se, eram palpáveis a surpresa e a admiração logo conquistadas. Sem dúvida, um gênio quase desconhecido em sua pátria.

* *Extraída do livro Arquitecrônicas, de Cesar Dorfman (reprodução autorizada pelo autor)*